



Palavras derradeiras*

Carlos Candal dos Santos **

Digníssimas autoridades.
Srs. Professores, funcionários e alunos
Senhoras e senhores.

Meus jovens colegas.

Chega sempre o momento de destravar-se um gatilho. A tensão crescente termina por superar as forças de contenção e ocorre, explosivo, o salto quântico: um átomo se ioniza, estala uma dehiscência, um feto é expulso das entranhas maternas e a sociedade ganha um cidadão; no instantâneo de uma síncope, desaparece um homem para surgir um cadáver.

Em todo momento crítico, algo deixa de ser para que algo novo passe a existir em seu lugar. E o fuzilar ribombante de um relâmpago, o vagido de um nascituro, o estertor de um moribundo são a pompa — festiva ou fúnebre — com que a natureza soleniza o brusco desfecho de uma transformação.

Há mais de vinte séculos, Heráclito já reduzia o Universo ao processo de um eterno vir-a-ser. No movimento está a sua última realidade. Tudo nele segue em trânsito e tudo se transforma. Ninguém consegue atravessar um rio duas vezes porque, na segunda, o mesmo rio já passou. Outras são as águas, outras as vagas, outros são os grãos de areia que, ao impacto de novas águas, se vão arrastando para o mar.

Assim é o contínuo fluir de nossas vidas. Nunca somos os mesmos. Entre dois instantes — por curto que seja o intervalo — algo se perde em nós, algo se acrescenta, condicionando nossa existência

a uma constante transformação. A perspicácia humana, construída e voltada para o macrocôsmos, não se apercebe sensorialmente dos discretíssimos movimentos organizados que compõem e condicionam a marcha de nossas transformações visíveis. Mas ao fim de um certo prazo, podemos notar que algo em nós ou em torno de nós sofreu uma transformação.

Mas, como no rio remansoso a despencar-se subitamente numa catadupa, todo processo de evolução — por mais imperceptível que se apresente — encontra seu dia de precipitar-se no abismo. Num fração de segundo, morre o rio para nascer uma catarata. Este é o momento espetacular e glorioso em que — sob palpáveis manifestações macroscópicas — a transformação se define.

Vêde: há pouco vos recebia aqui, ainda como estudantes; paternal na atitude, tal como um mestre deve tratar seus discípulos. Agora, sinto que já sois outros; que uma nova modalidade de respeito se introduziu no formalismo de nossas relações. Agora, já vos estou falando de médico para médicos. A correspondência pai-e-filhos vem de transubstanciar-se num relacionamento entre irmãos.

Parece que um ilusionista esteve a brincar conosco. Tudo foi tão rápido como num passe de mágica. Por muitos dias ainda, uma vaga incerteza, de que

* Fala de Diretor (Substituto) por ocasião do ato de formatura da Turma Médica 1974, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Professor Titular de Patologia Geral.

sois realmente médicos, vos há de perseguir. E, até que vos possais acomodar plenamente à nova realidade, muitos de vós sentir-se-hão rondados, de longe, por um mal definido desejo de retroceder.

Quando aqui ingressastes — vencidas as longas agruras do exame vestibular — ainda transitáveis por aquela doce fase da vida, alcandorada de sonhos, cujas relações com a comunidade se restringem no receber e exigir.

Lia-se a fome em vossas fisionomias; aquela fome, privilégio dos eleitos, que só encontra saciedade no repasto olímpico, ambrosíaco, da informação científica. E exigíeis de nós o pão do espírito com a mesma legitimidade de direito com que um filho reclama ao pai o pão do corpo.

Na nova linguagem, aqui vos ensinada, vossa pretensão não era outra senão a de ingressar no campo de indução desta Faculdade, cujas linhas de força determinam os rumos para uma elevada evolução diferencial. Vossa diferenciação começou, então, a processar-se sob uma fechada epigênese cultural que terminou vos convertendo em médicos. Desviados da rota evolutiva que culmina no homem comum, prosseguistes pela pista diferenciadora que leva ao sublime exercício da Medicina.

Acabais de concluir uma metamorfose profunda. Ao ovo seguiu-se a larva; a esta, a crisálida. Num novo salto quântico de dimensões macroscópicas, rompe-se agora o casulo. E já se vos agitam as asas vigorosas, ensaiando a decolagem para o grande voo. O grande voo da vida em plenitude; desta mesma vida que — para o ser humano — só passa a assumir sentido quando fundamente integrada numa estrutura social.

Ficou para traz a adolescência, imersa na bruma distante dos devaneios. A longa e morosa transição precipitou-se súbita num epílogo fulminante. Esta cerimônia de despedida, que aqui nos congrega, assinala o fim de uma etapa decisiva de vossas vidas e o iniciar de outra com significação muito mais expressiva. Encerra-se a fase preparatória; começa o exercício da profissão. Se isso é motivo de exaltação para vós todos, não o é menos para nós outros, os professores desta casa, em cujos moldes se plasmaram, bem definidos, os vossos perfis de profissionais.

O instante cresce em solenidade por-

que é chegada a hora de nos dizermos adeus. Mas, esse adeus não pode, de forma alguma, identificar-se com aquela expressão convencional de mera cortezia, tão comum em tipos superficiais e efêmeros de relação humana, que não chegam a ser enternecidos pelo calor da afeição. No transcurso de seis longos anos, aqui convivemos, professores e alunos, na íntima familiaridade de um verdadeiro lar: no trato diuturno com a ciência e as artes médicas; impelidos sempre pelos impulsos de um mesmo ideal; comungando dos mesmos ansêios; ajudando-nos e encorajando-nos uns aos outros naquela luta sem tréguas, que todos sabemos nunca ter fim. Não mereceríamos, por certo, a qualificação humana se, ao término de um convívio tão conagraçador, não tivéssemos ainda os corações amalgamados na fusão de uma afetividade recíproca.

Bons amigos que nos tornamos, não nos podemos separar com uma simples palavra de adeus; sem votos expressos de bemquerença, sem queixas e reprimendas, sem recomendações e advertências.

Assim é a mensagem amiga que nos deixais. Não se configura ela somente na brilhante oração de vosso intérprete; mas, ainda, na atitude que vindes de tomar nesta solenidade, quebrando uma tradição. Usando de duas diferentes formas de linguagem, concentrastes toda a semântica informativa naquilo que expressa um ressentimento vosso, a decepção sofrida ante o tipo de ensino que vos foi dado.

Toca-me dizer, em resposta, que, se ele não correspondeu ao que esperáveis, também não estive à altura do que pretendíamos. E, a despeito de tudo, vos digo mais: os vossos professores — que neste momento, por meu intermédio, vos entregam à sociedade pátria como homens plenamente capacitados para iniciar o exercício da profissão médica — não temos dúvidas quanto a vossa idoneidade profissional. Confiamos plenamente em que a nação não encontrará razões para decepcionar-se convosco. Somos os vossos fiadores e estamos tranquilos.

Como todo salto quântico, o ato de formatura envolve sempre um certo conteúdo de impiedade. Toda transmutação é dolorosa. Chorando nascemos e chorando se morre. Eis que, de repente, sentís que é chegada para vós a hora de entrar na luta. Às vésperas de suas batalhas,

nenhum guerreiro, mesmo Cesar ou Napoleão, conseguiu ocultar a ansiedade da expectativa. A obscura perspectiva do desconhecido, a temerosa incerteza do que está por vir, nos traz angústia, irrita, encoleriza às vezes, e nos impele inconscientemente à agressão; não propriamente para destruir, mas como instrumento de racionalização para que possamos repartir com outros a responsabilidade pelo insucesso que tememos e que, para fortuna nossa, jamais há de ocorrer.

Essa é a tônica invariável de todos os atos de formatura. Também passei por esse transe de angústia. Irritei-me, protestei. Juntei-me a um grupo de dissidentes — minoritário na turma e com ele coleí grau na Secretaria da Faculdade; sem festa, sem discurso e, como vós, sem homenageados nem paraninfo. Passada a borrasca, clareados os horizontes, dei-me conta de que, como cantou Camões, o temor é maior do que o perigo. Não tive mais dúvidas: uma visão emocional ofuscada me havia transfigurado a realidade e conduzido a um excessivo rigor de julgamento.

Não quero nem posso contraditar o que dizeis sobre o ensino, pois dele faço o mesmo juízo. Boa parte da razão está convosco. Mas não devo fugir ao reconhecimento de que aquela inquietação que precede a batalha aditou um certo coeficiente ao rigorismo de vosso pronunciamento. Julgo assim meu dever pedir-vos serenidade; a certeza de que — em armas e adestramento — vos encontráis preparados para ingressar no combate. Os que, bem ou mal, vos prepararam não temem confrontos com as demais turmas que, no Estado e mesmo no país, estão sendo lançadas convosco no campo da profissão.

Sabeis que não nos falta autocrítica. Temos pleno conhecimento das verdades que dizeis. Vossa passagem por esta escola não ocorreu, realmente, na fase de seus melhores dias. Mau grado o ingente esforço de um corpo docente dedicado, experiente, cômico de suas responsabilidades e cioso de suas tradições — não nos foi possível conter o aumento de entropia, condicionado pelas contingências transicionais da reforma.

Sustar um maior desperdício de energia, a rebaixa do rendimento acadêmico, a perda de alguns bits de informação no sistema, foi tarefa que pairou fora do alcance de todos os professores. Por defi-

nição, o contingente é o inevitável. Por certo, ainda estais lembrados daqueles conceitos biofilosóficos, básicos para a Medicina, a que procurei moldar o vosso pensamento profissional. E sabeis que «é contingente a um sistema tudo o que não estiver em função de qualquer de seus elementos».

Volto a Heráclito. A reforma foi o momento mais crítico em toda a evolução desta Universidade; em todos os seus quarenta anos de existência, ontem celebrados. Despejou-se carregada de drásticas transformações. A evolução, ensinei-vos, é o desenvolvimento natural da ordem. Efetua-se em movimentos discretos, em saltos quânticos — suaves ou violentos segundo a fase do ciclo — mas sempre caracterizados por uma sucessiva alternância de desórdenes e reordenações, de tal forma que, a cada passo, o grau de ordem vai ascendendo para níveis de maior perfeição.

Crises de relativa e transitória desordem são pois o preço a ser pago para que possamos subir a níveis de maior rendimento.

Sabedores dessas leis implacáveis que regem todo o Universo, estávamos todos atentos quando se iniciou a implantação da reforma. Não para impedir a crise negativa da transição — isso revelaria ingenuidade e mau conhecimento dessas mesmas leis — mas, sim, para minimizar, dentro de nossas possibilidades, as suas indesejáveis consequências.

Fizemos, os professores, o que de nós, dependia. Tudo o que não esbarrasse em limitações contingentes; nelas incluída uma das mais coercivas que, de forma um tanto dramática, residia em nossos próprios desencontros ideológicos, na divergência surgida entre nossas linhas pessoais de orientação.

A reforma curricular foi o ponto nevrálgico. Nosso entrelaço de idéias, necessário e inevitável, chegou a torná-la indecisa, a fazer vacilante a sua marcha, impondo-lhe avanços e recuos e, mesmo, mudanças de rumo. Em consequência, o ensino ressentiu-se; tanto em extensão como em profundidade, como se previa.

Haveis de compreender — porque é de vosso ofício — a impossibilidade de se efetivar a transformação de um sistema sem que o mesmo tenha de ser desmontado pelo menos em parte. E as dificuldades, daí oriundas, mais agudas se tor-

nam quando, sendo dinâmico o sistema, as operações de reforma tenham de processar-se sem que se lhe imponha a suspensão do funcionamento. Ao concertar ou transformar sua máquina — o engenheiro cuida antes de tudo em fazê-la parar. Nós, médicos, não contamos com tal recurso. Nossas máquinas são vivas. Parar, para elas, é simplesmente morrer. Nessa enorme dificuldade operativa, com que invariavelmente nos defrontamos, está a alta complexidade dos problemas da Medicina, o decisivo fator de nobreza e de excelstude da milenária arte de curar.

As instituições universitárias são também sistemas dinâmicos que não podem parar. Não porque isso lhes signifique a morte, mas pelas desastrosas e irreparáveis consequências de que haveria de ser vítima uma determinada sequência de gerações estudantis. Como vós, médicos, ante a doença, estávamos nós, os professores, ante a reforma curricular. Tínhamos que efetivá-la sem que isso implicasse na paralização das atividades escolares. Nenhum curso oferece, para tanto, os empecilhos de índole que se verificam no curso médico. Sob tais condições operativas, as falhas eram inevitáveis. E retificá-las convertia-se logo em novos e mais complexos problemas, de solução necessariamente arrastada.

Tão intensos foram os impactos da implantação da reforma que até nas tradições desta escola tiveram repercussão. Pela primeira vez, em seus tres quartos de século, uma turma inteira de formandos chega oficialmente à cerimônia de formatura desacompanhada de paraninfo e homenageados. Neste gesto, que acolho com compreensão e respeito, vejo o ponto mais veemente de vossa mensagem.

Devo declarar-vos de público e com o coração exaltado: só teríeis silenciado se fosseis indiferentes. Não podíeis calar. A indiferença é a mais execrável das atitudes humanas. Foi um lampejo de genialidade que fez Dante reservar para os indiferentes um dos mais profundos socavões do Inferno, punindo-os com a pena de Talião, com o horror da mesma indiferença: «Non te curar di lor ma guarda i passa». Antes! mil vezes antes

o erro que a omissão; mesmo o ódio que a indiferença! O ódio manifesta ainda uma forma de comunicação. O amor e o ódio são os dois polos da vida; passíveis de conversão um no outro. Positivo um, negativo o segundo, possibilitam os fluxos de comunicação afetiva que nos asseguram a condição humana. Na indiferença está a neutralidade, o silêncio que isola, a estagnação e a morte.

Escuto assim com simpatia a voz contundente de vosso protesto. Longe de nos deprimir, ela nos anima. É a mais eloquente demonstração de que flui um diálogo entre nós outros; de que não vos falta o espírito de luta por um mundo melhor; de que estais à altura das nobres responsabilidades sociais que vindes de assumir.

A derradeira palavra que aqui vos deixo é de confiança. Um apêlo a que todos confiemos em todos. Tal como fazemos, esperamos que confieis em vós mesmos; e que confieis em vossos professores, como também o fazemos.

Levai convosco a certeza de que esse mesmo corpo docente que soube fazer e sustentar a grandeza tradicional desta casa, saberá, em breve, fazê-la retornar aos seus dias de glória. Cientificai-vos de que vosso sacrifício não foi em vão. Que, sem ele e sem o vosso permanente e construtivo inconformismo, não teria sido possível a correção de nossos êrros, da qual deverá resultar um melhor ensino para as gerações que vos sucedem.

Se erramos na implantação da reforma, se errastes no excessivo rigorismo de vosso julgamento, benditos sejam os nossos êrros. É errando que se chega ao acerto. Só não tropeçam os que não caminham, os que se omitem. Mas para esses fica, em troca, o êrro sem remissão, o pecado mortal da indiferença.

Adeus caros discípulos de ontem, caros colegas de agora! Lembrai-vos sempre dos dias bons ou maus, que aqui vivestes. As portas desta casa estarão sempre abertas para o vosso retorno.

Parti seremos. Chegou a vossa hora.

Ouçó vozes lá fora. São as bençãos divinas e humanas que já vos estão chamando.